

## Rossini quer Câmara mais transparente, produtiva e próxima da população



Na ponta da mesa, o presidente da Câmara para o biênio 2023-2024, vereador Luiz Carlos Rossini: na eleição realizada em dezembro de 2022, ele recebeu 21 dos 33 votos dos parlamentares

Da Redação

A FORÇA DO LEGISLATIVO

Nascido em São Paulo (SP), o vereador Luiz Carlos Rossini é uma das figuras mais conhecidas no cenário político das últimas décadas em Campinas. Eleito presidente da Câmara Municipal para o biênio 2023-2024, veio para Campinas junto com a CPFL, empresa em que trabalhava. Foi aqui que o parlamentar começou a sua trajetória na política, contaminado pela efervescência que dominava o Brasil nos anos finais da Ditadura Militar e no período de redemocratização que se seguiria.

Filiado ao PMDB, Rossini foi vereador por três mandatos, entre as décadas de 80 e 90. Em 2000, buscou uma candidatura a prefeito de Campinas na mesma eleição que foi vencida por Antônio da Costa Santos, o Toninho do PT, assassinado com menos de um ano de mandato. Durante a gestão do prefeito petista, o atual presidente da Câmara Municipal foi diretor de esportes.

Nessa mesma época, Rossini se filiou ao Partido Verde (PV), onde permanece até hoje. Ele afirma que a sustentabilidade e preservação do meio ambiente são temas relevantes para ele pessoalmente, que é o único vereador de Campinas pelo partido. Mesmo sem correligionários, a capacidade diplomática e experiência como agente público do município o levaram à liderança de governo na Câmara durante a primeira parte da legislatura e, agora, à presidência da Câmara, vencendo a eleição em dezembro do ano passado, com 21 dos 33 votos dos vereadores.

Com uma CPI em andamento para apurar denúncias de suposta cobrança de vantagens indevidas em contratos de terceirizadas na Câmara, Rossini enfrentará missões ainda mais árduas, como a de recuperar parte da credibilidade perdida.

Além de ser o líder da Câmara na segunda metade do mandato do prefeito Dário Saadi (Republicanos) - quando se espera que sejam aprovadas leis que garantam a requalificação do Centro e a resolução dos problemas das enchentes -, o presidente almeja aproximar a Casa da população, promover transparência nas atividades e decisões e incentivar a participação de especialistas e dos próprios parlamentares em diversos temas que estão em debate na Câmara - tudo dentro do decoro e fora da radicalização que tomou conta do cenário brasileiro e também do Legislativo campineiro nos últimos anos.

Para ele, a Casa precisa atuar como uma caixa de ressonância da sociedade. A partir de projetos ambiciosos, ele pretende iniciar uma nova fase e, ao mesmo tempo, retomar bons programas já criados, como o Parlamento Jovem. Confirma a seguir, os principais trechos da entrevista concedida na quinta-feira (19) por Luiz Rossini, em visita ao **Correio Popular**, a convite do presidente-executivo do jornal, Italo Hamilton Barioni.

**Conte-nos sobre a sua trajetória, trabalho e militância antes mesmo da experiência política partidária.**

Nasci em São Paulo, na Freguesia do Ó, e vim para Campinas junto com a CPFL. Sou administrador de formação e fazia estágio lá no meu último ano. A sede da CPFL ainda era na Avenida Angélica, em São Paulo. Foi efetivado logo que entrei como estagiário e, em 1979, a companhia veio para Campinas. Acabei desenvolvendo uma carreira aqui e cheguei a gerente de departamento. Por intermédio da CPFL, assumi a Diretoria Financeira das Centrais Elétricas de Rondônia. Foi em 1983, quando vivíamos aquela época da redemocratização. Diretas já, uma efervescência política da qual comecei a participar e me interessar. Decidi então me filiar ao, na época, PMDB. Havia um núcleo do partido entre os empregados da CPFL. Comecei a militar e assumi a coordenação desse núcleo. Em 1988, Manoel Moreira foi candidato a prefeito pelo PMDB e o núcleo obteve o direito de indicar um candidato a vereador. Nunca planejei is-

## Luiz Rossini quer que Câmara fique mais próxima do povo

Presidente almeja promover a transparência e a participação popular



Rossini é uma das figuras políticas mais conhecidas das últimas décadas em Campinas

so para a minha vida, mas me convenceram de que levava jeito. Era presidente do clube dos empregados da CPFL e sai candidato, elegendo-me já na primeira tentativa. Fiquei três mandatos pelo PMDB. Em 2000, fui candidato a prefeito na mesma eleição que o Toninho do PT venceu. Ele me convidou e fui seu diretor de esportes. Depois da morte dele, saí e fui convidado a ir para o Partido Verde. Claudio Di Mauro era o prefeito de Rio Claro na época. Ele agendou e estive em uma reunião com a cúpula do PV. Tinha o José Luiz Penna, que é presidente até hoje, o Domingos Fernandes... Para ser sincero, estava meio... não sei se desiludido ou frustrado dentro do PMDB, mas a visão de política e sociedade que aquela cúpula me passou despertou-me. Fui para o PV e decidi fazer um mestrado em meio ambiente na Unicamp. Em seguida, em 2012, saí candidato novamente. Estou no terceiro mandato seguido agora pelo Partido Verde.

**Entrar no PV foi ao encontro das questões ambientais que lhe eram importantes?**

A minha entrada no PV, permitiu-me direcionar o mandato para essas questões que já eram importantes para mim. Tanto, que sou vereador constituinte, porque ajudei a elabo-

rar a Lei Orgânica do Município de 1989. É da minha autoria o artigo que obrigava o município a tratar 100% do esgoto no prazo de dez anos. Passada uma década, em 1999, o prefeito era Chico Amaral e o promotor José Roberto C. Albejante entrou com uma ação porque Campinas tratava apenas 5% do seu esgoto. Isso levou a Prefeitura e Sanasa a firmarem um Termo de Ajuste de Conduta (TAC), que previa a apresentação de um plano de saneamento. Tratamento de esgoto é algo que não se faz da noite para o dia. É um plano de no mínimo 15 anos. Foi aí que se iniciou esse programa encerrado há alguns anos com a última Estação de Tratamento de Esgoto. Então, de fato, eu já tinha essa preocupação e, no PV, pude me dedicar um pouco mais a essa causa tão importante. Estamos sofrendo hoje consequências daquilo que não fizemos lá atrás. As mudanças de clima são uma realidade. Todas as cidades estão sofrendo para enfrentar e mitigar as consequências dessas mudanças, os eventos extremos. De forma geral, elas não estão preparadas para fazer frente ao que está acontecendo. É um tema caro para todos nós. Dependemos de políticas públicas para atingir qualidade de vida e sustentabilidade no âmbito local, sem ficar apenas poetizando. Porque a gente precisa desenvol-



**A relação do vereador, antigamente, era direta com a população. Ele tinha de ir aos bairros, fazer reuniões nas casas... Acho que essa proximidade ajudava a população a fiscalizar mais de perto e o vereador se sentia mais cobrado**

ver e gerar emprego, mas como equilibrar as coisas e reduzir a injustiça social? Na época, isso me deu um despertar, renovou o meu ânimo para a política, assim como agora ao assumir a presidência da Câmara. É uma nova motivação. Sei que o desafio é enorme e a responsabilidade, imensa, mas isso me motiva. Acho que há muito o que fazer para resgatar a imagem da Câmara. É que o Poder Legislativo no Brasil vem passando por um processo de desgaste. Há um movimento generalizado contra as instituições, mas muito canalizado à política e, principalmente, ao Legislativo.

**Quais foram as mudanças perceptíveis do que era a Câmara em seus primeiros mandatos para hoje?**

A relação do vereador, antigamente, era direta com a população. Ele tinha de ir aos bairros, fazer reuniões nas casas. Acho que essa proximidade ajudava a população a fiscalizar mais de perto e o vereador se sentia mais cobrado. As redes sociais são importantes e acredito que todo vereador hoje se comunica diariamente por elas, mas, às vezes, parece algo frio, distante... é uma mudança que eu percebi. Eu sou ainda meio analógico, mas estou tentando me tornar um pouco mais digital. Temos que explorar o que isso pode oferecer de bom, porque, de fato, agiliza o contato. Recebemos um número maior de demandas, solicitações e, nesse aspecto, é bom.

**Nos últimos anos, o líder da Câmara passou a ter que lidar com falta de respeito durante esse período de radicalização da política.**

Isso, para mim, é muito nocivo para a política, porque as pessoas não debatem mais conteúdo. Essa última eleição para presidente, por exemplo: qual era o programa do Lula? Do Bolsonaro? Acho que a maioria do eleitorado não estava interessada nisso. O que pretendo para a Câmara, na minha visão de resgate de credibilidade, é trazer todos para os debates de temas que são de interesse do município. A Câmara tem de ser uma caixa de ressonância da sociedade. Trazer entidades, instituições. Vamos debater à exaustão e entender porque chegamos aqui e quais soluções podemos oferecer aos nossos problemas. Trazer discussões com diferentes opiniões.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

**Seção:** Cidades **Caderno:** A **Página:** 4 e 5